



Agroecologia e saúde nas Escolas Famílias Agrícolas *Agroecology and health in Agricultural Family Schools*

OLIVEIRA, Jaqueline Rocha¹

¹Universidade Federal de Minas Gerais, jaquelinerochageo@gmail.com

RESUMO EXPANDIDO

Eixo Temático: saúde e agroecologia

Resumo: As Escolas Famílias Agrícolas (EFAs) são uma modalidade de educação do campo e fazem parte do movimento agroecológico. A partir da pesquisa realizada em duas EFAs (Escola Família Agrícola Serra do Brigadeiro e Escola Família Agrícola Puris de Araponga) localizadas na Zona da Mata - MG, buscamos compreender em que medida a construção do conhecimento agroecológico estabelecido entre a EFA e o educando inscreve-se nos meios de vida e na aprendizagem destes e de suas famílias, como promotores da saúde humana e ambiental. A partir da metodologia de observações e de entrevistas realizadas nas EFAs, e com os estudantes e suas famílias, compreendemos que estes são atravessados por relações de gênero, hierarquia, território e gerações. Portanto, a escola assume um importante papel na formação destes jovens, os quais buscam incorporar em suas subjetividades e em suas práticas agroecológicas o cuidado com a saúde da terra relacionado a saúde humana, por meio do vínculo com a EFA.

Palavras chaves: agroecologia, saúde, educação do campo, EFAs.

Introdução

As escolas Famílias Agrícolas (EFAs) são escolas fundamentadas na modalidade de educação do campo e educação popular que possuem como projeto educativo a pedagogia da alternância. Esse processo de formação articula vivência e aprendizagem entre o meio sócio escolar e sócio familiar: o educando permanece 15 dias em regime de internato na escola (meio sócio escolar); e da continuidade a alternância durante 15 dias em seu território de origem (meio sociofamiliar).

Um dos objetivos das EFAs é promover a saúde humana e do ambiente através da agroecologia, haja vista que as EFAs são escolas que priorizam o desenvolvimento rural sustentável, sendo este um dos pilares que são trabalhados através dos instrumentos da pedagogia da alternância.

As EFAs, em seu projeto educativo, buscam o desafio de questionar a precarização da vida no meio rural, ou seja, os grandes impactos socioambientais advindos do uso de agrotóxicos na agricultura pelos manejos difundidos pela Revolução Verde. Estes, muitas vezes, estão inseridos nos meios de vidas (PEREIRA & SOUZA & SCHNEIDER, 2010)¹ das famílias dos educandos, o que limita os próprios

¹ Pereira & Souza & Schneider (2010), consideram a conjugação das capacidades, dos ativos e da sustentabilidade como primordiais nas análises dos meios de vida, principalmente, direcionadas aos



estudantes a incorporarem os conhecimentos agroecológicos em seu meio sociofamiliar através da *práxis* educativa (ação - reflexão) (FREIRE, 2010).

Neste relato, buscou-se compreender em que medida a construção do conhecimento agroecológico, estabelecido entre a EFA e o educando inscrevem-se nos meios de vida e na aprendizagem dos estudantes e das famílias dos estudantes como promotores da saúde humana e ambiental.

Esse relato é parte da vivência da pesquisadora enquanto exmonitora da EFA Serra do Brigadeiro e da pesquisa de mestrado em Extensão Rural realizada na Universidade Federal de Viçosa (UFV) no ano de 2014 a partir do estudo de duas escolas: A EFA Serra do Brigadeiro e a EFA Puris de Araponga.

As EFAs Puris e EFASB são escolas fundadas na década de 2000, e junto às demais escolas famílias agrícolas da Zona da Mata (MG) possuem a proposta de fornecer perspectivas de produção agrícola e de criação que pudessem minimizar impactos sociais e ambientais por meio da educação do campo e do incentivo à prática agroecológica.

A Educação do Campo origina-se em um contexto histórico de reorganização das lutas populares e procura fortalecer as diferentes esferas inerentes à vida camponesa, sendo, portanto, uma proposta de educação mais apropriada à realidade do campo (BEGNAMI, 2010; NASCIMENTO, 2013).

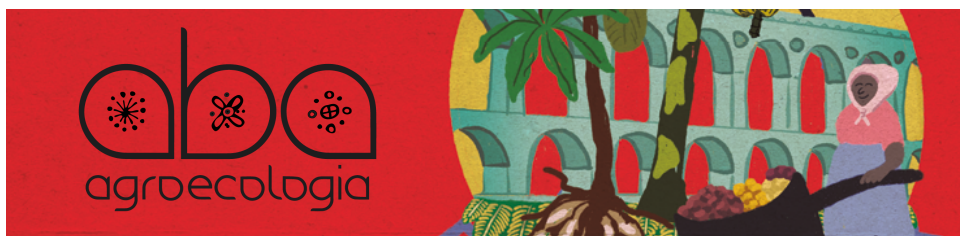
Essas escolas foram escolhidas por estarem localizadas na região da Zona da Mata mineira e porque elas são utilizadas pelos estudantes de forma sequencial, dando continuidade aos estudos, uma vez que a EFASB oferece o Ensino Fundamental e a EFA Puris oferece o Ensino Médio. Além disso, existe uma maior proximidade da pesquisadora com os estudantes, famílias e monitores destas escolas, devido à atuação como monitora na Escola Família Agrícola Serra do Brigadeiro, no ano de 2011, o que, de certa forma, influenciou e motivou a realização desta pesquisa (OLIVEIRA, 2014).

É válido considerar, que neste trabalho pretendemos apresentar algumas das contribuições da pesquisa de mestrado “Conhecimentos e Práticas Agroecológicos nas Escolas Famílias Agrícolas (EFAs)” que confluem com o eixo temático de estudo saúde e agroecologia. Portanto, outras questões que se desdobram destes estudos poderão ser aprofundadas posteriormente.

Metodologia

Para atender aos objetivos propostos nesta investigação, utilizamos o estudo de caso composto pela EFA Serra do Brigadeiro e a EFA Puris de Araponga. Os estudos de caso são também considerados estudos descritivos, pois têm a

processos de desenvolvimento rural, o que implica no estudo das estratégias de meios de vida no campo.



finalidade de aprofundar a descrição de uma realidade e também estabelecer paralelos na análise qualitativa (TRIVINOS, 1992).

A EFA Serra do Brigadeiro está localizada na comunidade rural de Dom Viçoso, no município de Ervália, o qual faz limite com o município de Araponga. A EFA Puris de Araponga é localizada na comunidade rural de São Joaquim, município de Araponga. Ambos os municípios, juntamente com Divino, Fervedouro, Miradouro, Muriaé, Pedra Bonita, Rosário de Limeira e Sericita constituem o território Rural da Serra do Brigadeiro - Região da Zona da Mata de Minas Gerais.

O trabalho foi realizado a partir de levantamentos bibliográficos e visitas de campo. A pesquisa de campo foi dividida em duas etapas: Na 1ª etapa realizamos algumas visitas e observações às EFAs Serra do Brigadeiro e a EFA Puris de Araponga, em seguida foram realizadas algumas visitas às famílias dos estudantes.

A partir da metodologia qualitativa realizamos entrevistas estruturadas com alguns monitores das EFAS e com os estudantes e suas famílias (totalizando 15 estudantes da EFASB e EFA Puris).

Resultados e discussões

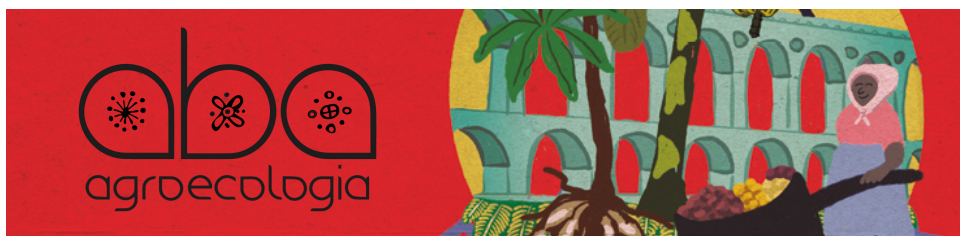
Durante o trabalho de campo, observou-se que a área dessas escolas utilizadas para as atividades e aulas práticas é bem extensa. Uma diversidade de plantas medicinais, flores e horta compõem a paisagem, sobretudo na EFA Puris. Nesta escola as plantas medicinais formam uma mandala, e também há uma trilha interpretativa com plantas medicinais, frutas e placas que indicam nomes de 50 variedades de plantas medicinais (OLIVEIRA, 2014).

Dentre os vários manejos aprendidos nas EFAS para promover a saúde humana e ambiental, a homeopatia foi a que mais apareceu nos relatos, sendo considerada um meio de produzir os próprios medicamentos naturais para lidar com a agricultura e construir autonomia.

Uma das questões mais relatadas pelos estudantes em relação ao conhecimento agroecológico e a saúde é a necessidade da redução de insumos químicos, a poluição, a sustentabilidade ambiental, a não contaminação dos solos e águas e, sobretudo a qualidade na alimentação, conforme apreendidos nas palavras dos estudantes, a seguir:

Primeiro acho que ela (agroecologia) traz saúde né? Como você não tá alimentando de produtos químicos essas coisas, provavelmente você não vai ter problemas de saúde. Outra coisa é sustentabilidade, assim é a principal característica da Agroecologia (estudante 3º ano, M, 19 anos, comunidade Córrego Santa Cruz - Ervália).

De acordo com que você vive em boa relação com o meio ambiente ele tá vivendo uma boa relação com você, se você não prejudicar ele, ele não vai



te prejudicar, se você jogar um veneno na nascente lá, vai bebendo aquela água que você mesmo envenenou, aí não tem como” (estudante 2º ano, M, 19 anos de idade, comunidade Serrinha – Araponga).

Deixa ver, agroecologia o que compreendo, busca o agricultor a trabalhar com agricultura e floresta. Ao mesmo tempo que você tem que tirar recurso da mãe natureza você tem que cuidar dela. É tipo uma pessoa, se ficar sem alimentar você chega um ponto até morrer, assim é a mãe terra, você tem que trabalhar com respeito a ela. E a gente também, se eu chego e desrespeito o que que eu vou querer? Você vai me desrespeitar também, então e ali vai provocar várias causas, e assim o que entendo é trabalhar com agricultura com os animais, tudo em consórcio, um equilíbrio ambiental” (estudante do 2º ano, M, 16 anos, comunidade São Domingos - Araponga).

Essa perspectiva de respeito com a *mãe terra* pode ser remetida ao discurso fundamentado desde o período do apogeu das CEBs na região, o qual influenciou consideravelmente também o pensamento dos fundadores da EFAS, e consequentemente o aprendizado na escola.

Assim, a escola assume um importante papel na formação do conhecimento agroecológico destes jovens, uma vez que apenas pequena parcela dos estudantes são de famílias que se entendem como agroecológicas. Desse modo, o fato de a família pensar diferente, faz com que o estudante reflita sobre a própria realidade e se identifique com outra forma de pensar.

Entrevistado: Estamos, nós somos difícil jogar remédio aqui. Veneno é coisa diferente, tem um litro que é veneno, mas o outro que tá ali remédio pra folha de café, pra outras coisas (pai do estudante)

Entrevistado: Você é bobo, pai, todos tem uma composição química (estudante)

Entrevistado: Veneno é coisa diferente, você pega um vista café, você não pode comparar uma coisa com a outra (pai do estudante).

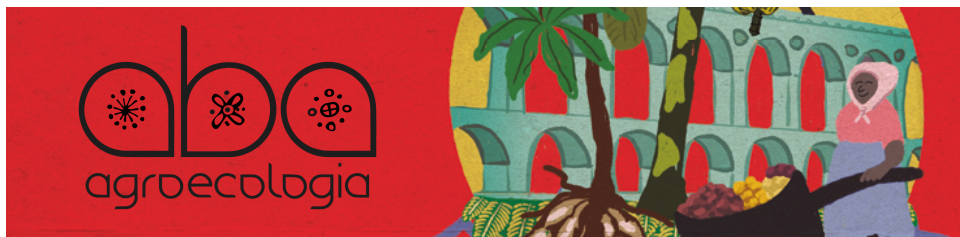
Entrevistado: Bebe ele então? Agora te pergunto, o que ocê come pode jogar na lavoura que é bom pra ela? Do mesmo jeito que ocê pode tirar dela, você pode devolver (estudante).

Entrevistado: Você joga pra dar a vida pra ela (pai do estudante).

Entrevistado: E pai quero saber desse negócio de remédio mais não, esse negócio vai longe (estudante).

Como observado no diálogo acima, o conflito familiar em relação ao uso dos agrotóxicos está presente até mesmo na terminologia, o que é veneno para o estudante é remédio para o pai e isso implica em diferentes cosmovisões.

Contudo, o conhecimento gerado a partir da inserção dos estudantes na EFA possibilita uma maior inserção do debate na unidade familiar, que mesmo vindo a produzir conflitos começa-se a transformar pensamentos e conhecimentos, sobretudo em relação ao uso dos agrotóxicos. Na maioria das vezes essas transformações são iniciadas com a aprovação da mãe dos estudantes nos espaços de quintal, onde é trabalhado e cultivado o alimento para a família, ao contrário dos espaços produtivos destinados à lavoura de café que são do domínio masculino.



Nós põe não, no quintal põe veneno não. Só na lavoura que toca à meia né. Nas laranja põe esterco, o que põe aí, algum adubo só. Pode fazer remédio (calda) igual à vizinha (monitora da EFA Puris) faz. Ai melhora né, porque quintal aqui dá bem café, mas sempre dá alguma doença, aí vê se ela aprende alguma coisa alternativa pra trazer pro café do quintal, pra não por veneno no quintal. Eu não gosto de veneno em lugar nenhum né, mas a gente toca a meia tem que por. O patrão exige de colocar o veneno, acaba pondo né, mas eu não gosto não. No quintal, nas frutas põe veneno em nada. O quintal é da minha sogra né, deu pra gente morar, aí a gente não tem que usar o veneno. Aqui é herança de família, era do tataravô do meu marido, depois o avô, depois o pai e agora é dele” (mãe da estudante do 1º ano, comunidade Serrinha, Araponga)

Como destacado na fala acima, a autonomia da família que se caracteriza por ser meeira dos próprios parentes, é muito maior no quintal do que na lavoura. Na visão da mãe da estudante, mesmo sendo contra o uso dos agrotóxicos, existe uma obrigação para com o patrão de utilizar o veneno, o que impossibilita outras formas de manejo além do convencional e, portanto, menos autonomia na terra. Apesar disso, no quintal - espaço onde a mãe trabalha e cultiva os alimentos para a família - não é utilizado o veneno, nem mesmo no café, esse último fato se confirma na maioria das unidades familiares desta pesquisa. Portanto, no espaço do quintal é possível buscar alternativas ao uso do veneno, o que também possibilita a estudante junto com a mãe a praticar o seu conhecimento agroecológico, buscando promover a saúde humana e do ambiente.

Ademais, muitas das práticas desenvolvidas pelos estudantes, consideradas agroecológicas, acontecem com mais frequência em famílias que já possuem uma visão de mundo diferenciada e se preocupa, principalmente, com a saúde, com a qualidade dos alimentos e com a preservação dos solos e das águas. Essas famílias, eventualmente, oferecem menos resistência aos estudantes que buscam aplicar manejos ou técnicas agroecológicas nas propriedades.

Desse modo, para a maioria das famílias, o conhecimento, o saber fazer deve ser passado dos pais e dos irmãos mais velhos para os filhos, e não o contrário. Segundo Ellen F. Woortmann & Klaas Woortmann (1997, p.135) *O trabalho só se constitui como atividade material a partir de uma atividade ideal – o saber. Existe como que um trabalho do saber que informa o trabalho sobre a terra, e é o domínio desse saber que define quem governa a atividade agrícola e, com ela, a família.* Essa perspectiva de *Saber fazer* transmitida através das gerações implicam diretamente nos manejos produtivos, uma vez que a opção para uma transição agroecologia é motivada sobretudo pela busca de saúde humana e ambiental.

CONCLUSÕES

À luz de dessas experiências apresentadas, é possível identificar que as EFAs contribuem para a promoção de uma cultura que valoriza a saúde integral a partir do uso de homeopatia, plantas medicinais, manejos agrícolas e cuidados com a natureza, como parte do projeto educativo integrado às práticas agroecológicas.



Desse modo, contribuem para a transformação de cosmovisões e *meios de vida* (PEREIRA & SOUZA & SCHNEIDER, 2010) mais saudáveis e sustentáveis.

A construção agroecológica como promoção de saberes e de saúde acontece também a partir da parceria com os movimentos sociais, por exemplo, o grupo de mulheres organizadas por meio de uma ONG - o Centro de Tecnologias Alternativas (CTA - ZM) - que possui representantes da comunidade onde se localiza a EFASB. Além disso, identificam-se nas EFAs, parcerias para as intervenções externas, como os exemplos da Caravana Agroecológica, pessoas da UFV e das comunidades próximas que ofereceram oficinas e seminários sobre homeopatia e agroecologia. Tal perspectiva remete a uma construção coletiva da agroecologia (SEVILLA GUZMÁN, 2002).

Desse modo, todos os estudantes participantes dessa pesquisa possuem uma preocupação ambiental, com o solo, a água e a saúde humana. Mesmo sendo a maioria dos estudantes provenientes de famílias que utilizam manejos agrícolas convencionais, os estudantes incorporam a proposta da EFA nas respectivas subjetividades, e, portanto, pretendem torná-las objetivas nos meios de vida (PEREIRA & SOUZA & SCHNEIDER, 2010).

Conforme vimos nas falas dos estudantes, a consciência subjetiva incorpora um pensamento agroecológico quando se trata da proteção dos recursos naturais, com a não utilização de produtos químicos e de agrotóxicos, no trabalho na agricultura de forma sustentável, no respeito ao meio ambiente, nos cuidados com o solo, na saúde e na qualidade dos alimentos.

Contudo, quando se trata da produção familiar nos espaços de domínio masculino, sobretudo nas lavouras de café, prevalece o *saberfazer* do pai, chefe de família, uma vez que as formas de trabalho e de utilização de técnicas, manejos e de insumos nestes espaços se diferenciam dos outros espaços produtivos que não são de domínio masculino, principalmente no pomar, na horta e na criação de animais. Portanto, nos espaços considerados de domínio do 'chefe da família' a aplicação de manejos e técnicas agroecológicas geralmente são impossibilitadas. Essa relação de diferenciação entre os espaços produtivos, revela uma intercessão entre as categorias de saúde, gênero, geração e hierarquia familiar.

Esta diferenciação entre a lavoura e os outros espaços (horta, pomar, etc), além dos aspectos simbólicos, pode ser decorrente do destino da produção destes diferentes espaços: em função da produção destinada ao autoconsumo familiar e da produção para o mercado, como fonte direta de renda familiar. Neste aspecto, observamos que próximo à casa, os manejos tendem à transição agroecológica, incentivados sobretudo pelas mulheres (geralmente as mães dos estudantes), uma vez que a saúde é uma preocupação recorrente, sobretudo com a iminência e o risco de doenças que aparecem em decorrência da utilização de agrotóxicos.



Quando os estudantes utilizam o conhecimento construído na escola na unidade familiar, produzem estratégia de meios de vida, já que é na terra que se reproduz a existência e a continuidade da família, o que é identificado por meio da forma como os estudantes buscam a agricultura sustentável, a produção de alimentos saudáveis, e como se configura determinada paisagem enquanto modo simbólico, que poderão ser identitárias, de forma a reconhecer o cuidado com a saúde humana e ambiental por meio do vínculo afetivo e educativo com a EFA. Portanto, os jovens que estudam nestas EFAs incorporam uma outra ontologia, cuja saúde da 'Mãe Terra' está relacionada a saúde das pessoas.

Agradecimentos

Agradecemos à CAPES e a Universidade Federal de Viçosa pelo apoio na realização dessa pesquisa e aos professores Maria Izabel Vieira Botelho e Ivo Juksch pelas orientações. Agradeço sobretudo a todos estudantes, famílias e monitores da EFA Puris e EFASB que fazem parte deste trabalho.

Referência bibliográfica

BEGNAMI, Marinalva J. F.. Inserção socioprofissional de jovens do campo: desafios e possibilidades de egressos da Escola Família Agrícola Bontempo. Dissertação do Programa de Pós Graduação em Educação. Faculdade de Educação da UFMG. Belo Horizonte: 2010.

FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação?. Paz e Terra; 2010.

NASCIMENTO, C. G. Políticas públicas e educação do campo: em busca da cidadania possível? Revista Travessias.

OLIVEIRA, Jaqueline Rocha. Conhecimentos e práticas agroecológicos nas Escolas Famílias Agrícolas (EFAs). Dissertação (Doutorado em Extensão Rural)- Universidade Federal de Viçosa, 2014.

PEREIRA M. A. & SOUZA, M & Schneider, S. Meios de vida e livelihoods: aproximações e diferenças conceituais. Revista IDEAS. 2010; 4 (1): 203-224.

SEVILLA GUZMAN, E. A Perspectiva Sociológica em Agroecologia: Uma Sistematização de seus Métodos e Técnicas. Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável. Porto Alegre: v. 3, n. 1, 2002, p. 18-28.

TRIVINOS, A. N. S.. Introdução à pesquisa em Ciências Sociais. A pesquisa qualitativa em educação, o positivismo a fenomenologia o marxismo. São Paulo: Atlas, 1992.

WOORTMANN, Ellen F. & Woortmann, Klaas. O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa. Brasília: Editora Universidade de Brasília. 1997.